



SEMENTES CRIOULAS UMA ABORDAGEM EM COMUNIDADES INDÍGENAS

Fábio de Oliveira Freitas¹

Introdução

Dissertar sobre um tema tão amplo como sementes crioulas é tarefa difícil e que não cabe em um simples trabalho como este. Deste modo, procuraremos aqui abordar o tema sobre duas óticas: a primeira, discutindo um pouco o que vem a ser uma semente crioula, e a segunda, listando uma série de exemplos que testemunhamos sobre o uso, conservação e risco de perdas destas sementes em comunidades indígenas.

Uma das principais características vinculadas às sementes chamadas de comerciais, ou seja, não crioulas, é a

uniformidade - uma população com genótipos muito próximos ou idênticos. Esta uniformidade fica ainda mais evidente quando se cultiva este tipo de sementes em lavouras homogêneas, como a monocultura, sem mistura de espécies ou variedades.

Já em relação às variedades crioulas, é largamente difundido um cenário distinto e oposto.

Uma visão típica entre amostras de sementes comerciais e crioulas pode ser observada, por exemplo, em espigas de milho (*Zea mays*), que variam entre espigas extremamente uniformes até aquelas variegadas.

A figura 1 apresenta duas amostras de espigas uniformes. Pode-se observar

que são dois tipos distintos em suas características morfológicas: forma, arranjo e cor das sementes, mas cada uma delas bem uniforme. Baseado nestes critérios poderia enquadrá-las como variedades comerciais.

Entretanto, ao adicionarmos um dado a estas amostras, o de idade, esta classificação muda completamente, pois as espigas das fotos são na verdade amostras arqueológicas encontradas em cavernas de Minas Gerais, e foram datadas como tendo sido produzidas no século X de nossa era, ou seja, possuem ao redor de 1000 anos de idade, tendo portanto sido manejadas por populações indígenas do passado.

Ao aprofundarmos a análise destas duas espigas, algumas considerações podem ser feitas, lembrando que o milho é uma espécie alógama, com alta taxa de cruzamento.

A presença de dois tipos distintos e contemporâneos de espigas indica não apenas que aquelas populações possuíam mais de uma variedade de milho, mas principalmente, que possuíam um conhecimento profundo a respeito do modo de manejo daquela planta, a fim de evitar a recombinação/mistura dos dois tipos.

Assim, é válido sugerir que aquelas populações há 10 séculos atrás, deveriam ter diferentes campos

agrícolas, plantando cada variedade separadamente, como se fossem pequenos campos uniformes, dentro de um mosaico maior.

Outro exemplo que quebra esta regra é quando trabalhamos com espécies de propagação vegetativa, como a mandioca (*Manihot esculenta*), cará (*Dioscoreia* sp.) e inhame (*Colocacia* sp.). Para estas espécies encontramos grandes populações altamente homogêneas sob manejo de populações tradicionais e, mesmo assim, não resta dúvida que mesmo com esta grande homogeneidade, são consideradas tipos crioulas ou raças locais.

Assim, o que mais diferencia sementes comerciais em relação as chamadas sementes crioulas não é necessariamente a sua composição genética ou a característica da população plantada no campo, mas principalmente sua história atrelada às populações tradicionais, sua forma de manejo, e os mitos e ritos que as envolvem.

Objetivo

A seguir iremos apresentar alguns exemplos e considerações a respeito do que pudemos observar sobre as sementes crioulas ou formas de cultivos em algumas aldeias indígenas que estamos trabalhando, dentro do Parque Indígena do Xingu, no estado do Mato Grosso.

Materiais e Métodos

O Parque Indígena do Xingu, situado na região Norte-Nordeste do estado do Mato Grosso, foi oficialmente criado no dia 14 de abril de 1961, através do Decreto 50.455, durante o efêmero governo do então presidente Jânio Quadros, após mais de 10 anos de trabalho intenso envolvendo os irmãos Villas Boas, Marechal Rondon, Darcy Ribeiro, Noel Nutels, Café Filho entre outros

As etnias indígenas ali residentes podem ser consideradas tradicionais, mantendo ainda bem preservada grande parte de sua cultura, como pode ser confirmado, por exemplo, quando se compara o relato de historiadores que descrevem estas etnias há mais de um século atrás, incluindo seu modo de plantio (STEINEN, 1942).

A metodologia empregada foi de aplicação de questionários semi-estruturados, seguidos de observação direta.

Resultados e Discussão

Quando se focaliza a aldeia como um todo, nota-se uma alta diversidade de espécies e variedades. Entretanto, culturalmente as roças são de cunho familiar, onde cada família cultiva suas

próprias plantas independentemente. Comparando-se algumas das roças familiares da aldeia Yawalapiti, por exemplo, nota-se que para esta etnia a mandioca é a principal espécie plantada, podendo ser quase considerada um sistema de monocultura. Ainda, observamos famílias que plantam basicamente um único tipo de mandioca, enquanto outras chegam a plantar até 15 tipos.

Deste modo, dentro de uma mesma aldeia tradicional, pode-se observar, reservada as proporções, desde um modelo próximo ao de um plantio normalmente observado em plantações comerciais, tipo monocultura e monovarietal, até roças mais heterogêneas, polivarietais, mas ainda basicamente com uma única espécie.

Já em outra aldeia deste Parque, da etnia Kayabi, as roças também são familiares, mas a diversidade de espécies cultivadas é muito maior, tendo além da mandioca, milho, amendoim (*Arachis hypogaea*), cará, inhame, fava (*Phaseolus* sp.), banana (*Musa* sp.), entre outras. Também varia muito o número de espécies e variedades entre as roças das diferentes famílias desta aldeia.

Entretanto, o que nos chama a atenção em ambas às aldeias, é o arranjo espacial das espécies e variedades nas roças. Cada variedade é plantada agrupada, separadamente de um tipo do outro, sendo que o motivo alegado

por eles é exatamente o de manutenção dos tipos distintos, pois do contrário os tipos se misturariam.

Isto fica ainda mais evidente quando algum destes agricultores obtém alguma variedade nova. Quando isto ocorre, ele a planta bem separada das outras que ele já possui, a fim de testá-la e evitar qualquer risco de mistura com aquelas de seu portfólio tradicional, em um tipo de quarentena.

Outro tipo de observação constatada naquelas aldeias é o grande dinamismo do portfólio manejado. Na aldeia Yawalapiti, por exemplo, uma família substituiu todas as suas variedades de mandioca para polvilho que tinha por uma variedade que ele conseguiu em uma roça de um índio de outra aldeia, tendo atualmente três roças distintas e todas com este único tipo de mandioca para polvilho. Ou seja, aquela idéia de que populações tradicionais conservam suas variedades históricas, substituindo-as paulatinamente, não pode ser considerada como uma regra.

Outro exemplo nesta mesma aldeia é a eliminação consciente de uma outra variedade de mandioca que era plantada por diferentes famílias. Esta variedade foi obtida, há alguns anos, junto aos Kayabí e mostrou ter um rendimento para polvilho muito bom e

por isto foi, em um primeiro momento, incorporada e multiplicada.

Entretanto, após poucos anos de uso, as mulheres da tribo pediram aos seus maridos (que é o gênero encarregado do plantio) para que deixassem de plantá-la. O motivo alegado foi a dificuldade do preparo do polvilho a partir da raiz desta variedade, a qual é extremamente dura, dificultando a fase em que as mulheres têm que ralar a raiz. Deste modo, no plantio da última safra (2004), esta variedade já não era praticamente mais encontrada na aldeia, como exemplo de uma eliminação drástica de uma variedade, quase que instantaneamente e por ação do próprio homem.

Existem ainda motivos diversos que podem acarretar perda de variedades. Um dos mais inusitados que pudemos observar foi de uma família, ainda desta mesma aldeia, que possuía a maior diversidade da aldeia de tipos de feijão fava. Esta família havia acabado de plantar sua roça quando foi acusada por um membro de outra família de prática de feitiçaria. Isto obrigou os membros da primeira família a abandonar rapidamente a aldeia, se mudando para a casa de parentes em outra aldeia, deixando para trás as roças e seu germoplasma plantado, o qual pode estar se perdendo localmente, diminuindo a diversidade manejada pela aldeia.

Considerações Finais

Estes e outros exemplos mostram o quão diversa e complexa é a história que envolve populações tradicionais e suas sementes crioulas, tornando muito difícil quando se deseja desenvolver trabalhos de conservação das mesmas, principalmente o tipo de conservação *in situ/ sob cultivo*, pois a variável, que aqui podemos chamar de “dinâmica”, torna necessário que para cada população com quem se trabalha, tenhamos que desenvolver um modelo/metodologia distinta, sendo que alguns casos é necessário até mesmo mais de uma metodologia dentro de uma dada população, como no caso das diferentes famílias de uma aldeia como a Yawalapiti.

Ainda, atualmente existe um outro fator a ser considerado que dificulta o trabalho de conservação de sementes crioulas, principalmente em comunidades indígenas, que surgiu com a entrada em vigor, em 2001, da medida provisória que criou o Conselho do Patrimônio Genético – CGEN, que regula qualquer trabalho que tenha intenção de acessar componentes do patrimônio genético brasileiro ou o conhecimento tradicional associado e este componente.

Acreditamos ser válido a tentativa de regular este acesso, mas o mesmo deve ser aperfeiçoado no futuro, pois na prática isto tem criado atrasos significativos a grupos que desejam trabalhar dentro da legalidade, enquanto não mudou basicamente nada para aqueles que historicamente se enquadrariam na categoria de biopiratas.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer primeiramente as comunidades do Parque Indígena do Xingu que historicamente vêm nos recebendo de forma muito especial e também a minha família que muito me apóia neste trabalho.

Apoio: Programa Biodiversidade
Brasil-Itália

BIBLIOGRAFIA CITADA

STEINEN, K. **O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu**. São Paulo: Campanha Editora Nacional, 1942. (Brasílica. Série Extra, 3). Tradução.

Figura 1. Amostras arqueológicas de milho, encontrada em cavernas do Vale do Peruaçu, em Minas Gerais, com idade estimada de aproximadamente 1000 anos.



<p>Comunicado Técnico, 127</p> <p>Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento</p>	<p>Exemplares desta edição podem ser adquiridos na Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia Serviço de Atendimento ao Cidadão Parque Estação Biológica, Av. W/5 Norte (Final) – Brasília, DF CEP 70770-900 – Caixa Postal 02372 PABX: (61) 448-4600 Fax: (61) 340-3624 http://www.cenargen.embrapa.br e.mail:sac@cenargen.embrapa.br</p> <p>1ª edição 1ª impressão (2005):</p>	<p>Comitê de Publicações</p> <p>Expediente</p>	<p>Presidente: <i>Maria Isabel de Oliveira Penteadó</i> Secretário-Executivo: <i>Maria da Graça Simões Pires Negrão</i> Membros: Arthur da Silva Mariante Maria Alice Bianchi Maria da Graça S. P. Negrão Maria de Fátima Batista Maria Isabel de O. Penteadó Maurício Machain Franco Regina Maria Dechechi Carneiro Sueli Correa Marques de Mello Vera Tavares de Campos Carneiro Supervisor editorial: <i>Maria da Graça S. P. Negrão</i> Normalização Bibliográfica: <i>Maria Alice Bianchi e Maria Iara Pereira Machado</i> Editoração eletrônica: <i>Maria da Graça Simões Pires Negrão</i></p>
--	--	---	--